

O ROAD MOVIE EXISTENCIAL DE ISAK: A RECONCILIAÇÃO CONSIGO MESMO POR MEIO DA ANGÚSTIA

ISAK'S EXISTENTIAL ROAD MOVIE: RECONCILING WITH ONESELF THROUGH ANGUISH

Henor Hoffmann

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6023-6793>

E-mail: henir.l@edu.pucrs.br

RESUMO:

O objetivo do artigo é realizar uma apresentação e reflexão dos conceitos kierkegaardianos à luz do filme *Morangos Silvestres* de Bergman. Proponho uma leitura filosófica através das lentes dos conceitos de angústia, desespero humano e da existência e finitude do autor dinamarquês. Kierkegaard é a escolha apropriada para esse diálogo, pois ele afirma repetidamente que escreve para o indivíduo singular. O cinema atinge diretamente o indivíduo em sua singularidade através do envolvimento de todos os sentidos, a emoção de uma cena não afeta a todos espectadores da mesma forma e intensidade. O artigo está dividido em quatro momentos, na primeira parte uma breve apresentação do tema e objetivos. No segundo momento breves notas para apresentar as ideias centrais da filosofia de Kierkegaard. Na terceira etapa uma leitura das memórias e sonhos de Isak pelas lentes dos conceitos kierkegaardianos. Concluo com algumas considerações pessoais sobre os conceitos abordados ao longo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Angústia. Desespero. Isak. Kierkegaard. *Road Movie*.

ABSTRACT:

The aim of this article is to present and reflect on Kierkegaard's concepts in light of Bergman's film *Wild Strawberries*. I propose a philosophical reading through the lens of the Danish author's concepts of anguish, human despair, and existence and finitude. Kierkegaard is the appropriate choice for this dialogue, since he repeatedly states that he writes for the singular individual. Cinema directly reaches the individual in his singularity through the involvement of all the senses; the emotion of a scene does not affect all viewers in the same way and intensity. The article is divided into four parts. The first part presents a brief presentation of the theme and objectives. The second part presents brief notes to present the central ideas of Kierkegaard's philosophy. The third part presents a reading of Isak's memories and dreams through the lens of Kierkegaard's concepts. I conclude with some personal considerations on the concepts addressed throughout the work.

KEY-WORDS: Anguish. Despair. Isak. Kierkegaard. *Road Movie*.

1. SITUANDO O LEITOR

Objetivo do presente artigo é realizar uma apresentação e reflexão dos conceitos Kierkegaardianos à luz do filme *Morangos Silvestres*¹ de Ingmar Bergman. *Morangos Silvestres* (título original em sueco: *Smultronstället*) é um premiado filme sueco de 1957, do gênero drama, escrito e dirigido por Ingmar Bergman. O título original, em sueco, refere-se ao lugar (*stället*) onde se encontram morangos silvestres (*smultron*). Ernst Ingmar Bergman (Upsália, 14 de julho de 1918 — Fårö, 30 de julho de 2007) foi um diretor, escritor e produtor sueco que trabalhou em cinema, televisão, teatro e rádio. Considerado um dos cineastas mais talentosos e influentes de todos os tempos, os filmes de Bergman incluem *Sommarnattens leende* (1955), *O Sétimo Selo* (1957), *Morangos Silvestres* (1957), *Persona* (1966), *Viskningar och rop* (1972), *Scener ur ett äktenskap* (1973) e *Fanny e Alexander* (1982). O filme de Bergman traz imagens passíveis de uma leitura filosófica. O presente artigo propõe uma leitura filosófica através das lentes dos conceitos de angústia, do desespero humano e da relação entre existência e finitude do autor dinamarquês.

O cinema atualmente é, sem sombra de dúvidas, a forma de arte mais popular e o seu principal papel é entreter as multidões e para isso capta a emoção, as contradições, as diferenças, as cores, o movimento, o indizível.

As lentes da filosofia de Soren Kierkegaard (1813-1855) mostram uma escolha apropriada para o diálogo com o cinema. Pois, o autor dinamarquês afirma repetidamente que escreve para o indivíduo singular e o cinema atinge diretamente o indivíduo em sua singularidade através do envolvimento de todos os sentidos, a emoção de uma cena não afeta a todos espectadores da mesma forma e na mesma intensidade, durante a exibição de um filme. Esse parágrafo poderia estar melhor relacionado com a citação de Aristóteles, talvez, já propondo essa forma do cinema afetar ao espectador de forma bastante singular.

O cineasta sueco Bergman, ao longo de 91 minutos de exibição do longo *Morangos Silvestres*, nos apresenta o *road movie*² existencial de Isak Borg³. Sob a perspectiva física, o filme apresenta a viagem de carro do professor de medicina Isak Borg, que dirige com a sua nora Marianne de Estocolmo a Lund, para receber o grau honorário da Universidade de Lund por seus 50 anos de carreira. Todavia, em uma perspectiva subjetiva, o filme retrata uma viagem pela mente de Isak, essa jornada é desencadeada pelo

¹ Filme completo e legendado no link: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=Ao12p1PzeS4>.

² Filme de estrada é um gênero cinematográfico no qual a personagem principal sai de casa para uma viagem, normalmente, alterando a perspectiva de sua vida cotidiana.

³ A personagem Isak Borg é um professor de medicina do filme *Morangos Silvestres*, interpretado pelo ator Victor Sjöström.

desespero diante da sua finitude, isto é, o medo diante da morte. O velho médico, no decorrer do percurso da sua viagem existencial que foi desencadeada pelo seu desespero diante a finitude, é assombrado pelos fantasmas do seu passado e pelas suas escolhas. O temor por ter feito as escolhas equivocadas na juventude o leva a uma revisão de toda a sua vida, mediante a reminiscências do passado, memórias e sonhos perturbadores.

O artigo está dividido em quatro momentos, neste primeiro realizei uma breve apresentação do tema e objetivos que serão abordados ao longo do texto. No segundo momento breves notas para apresentar as ideias centrais da filosofia de Kierkegaard. Na terceira etapa uma leitura das memórias e sonhos de Isak pelas lentes dos conceitos kierkegaardianos. Na última etapa, algumas considerações pessoais sobre conceitos abordados ao longo do artigo.

2. ALGUMAS NOTAS SOBRE A FILOSOFIA KIERKEGAARDIANA

A filosofia kierkegaardiana constitui-se num contraponto a filosofia hegeliana, que buscava esquematizar o homem através de um sistema abstrato, não levando em conta a subjetividade de cada um, reduzindo o homem a uma mera engrenagem dentro da totalidade de um sistema universal. O pensamento de Kierkegaard estuda a existência humana a partir da experiência individual, centrada em viver a experiência em vez de observar a vida de fora. Ou seja, é uma filosofia da práxis, da ação preocupada com a existência real dos indivíduos e seus dilemas existenciais do cotidiano. Em outras palavras, não é uma filosofia que assiste a vida passar pela fresta da janela, mas sim que age no dia a dia.

Segundo o próprio Kierkegaard:

A distinção entre o pensador objetivo é indiferente com respeito ao sujeito pensante e à sua existência, o pensador subjetivo, como existente essencialmente interessado ao seu próprio pensamento, é existente nele. Portanto, o seu pensamento tem uma outra espécie de reflexão, isto é, aquela da interioridade, do domínio, com que ele pertence ao sujeito pensante e a nenhum outro. Enquanto o pensador objetivo coloca tudo em resultado, e estimula a inteira humanidade a trapacear copiando resultados e fatos, o pensador subjetivo põe tudo em devir e omite o resultado, em parte, propriamente porque esta é a tarefa do pensador existencial, porque possui o caminho, em parte, porque como existente ele é sempre em devir. A reflexão da interioridade é a reflexão-dupla do pensar subjetivo. Pensando o pensador pensa o universal; mas como existente neste pensamento, ele o apropria em sua interioridade e existe (Kierkegaard, 1993, p. 226).

Kierkegaard, ao contrário do pensamento hegeliano que reduz o real numa unidade sintética dentro de um sistema, procura reconquistar o valor da interioridade e da subjetividade humana. Sua filosofia fala da inquietude humana, do indivíduo existente, desta forma é impossível desprendê-la da sua vida pessoal. Ao contrário, é justamente necessário situá-lo no tempo e no espaço para compreendê-lo já que sua vida exerceu profunda influência no desenvolvimento da sua obra.

Portanto,

[...] na filosofia existencial, a chave hermenêutica é a decisão apaixonada do existente na transformação da própria existência, pois toda decisão essencial se dá na subjetividade. A filosofia assume a dimensão de diálogo íntimo do eu consigo mesmo, partindo do pressuposto de que o homem é espírito, o espírito é interioridade, a interioridade é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão, e quando atinge o ápice, é a paixão infinita da pessoa interessada na própria salvação eterna (Almeida; Valls, 2007, p. 27).

A vida não dispõe de um fundamento único, dado a priori, mas é construída individualmente ao longo do tempo:

A existência não pode ter, enquanto tal, uma essência pronta, pois não seria existência de fato, já que ela não existe antes de ser concretizada como existência. E a liberdade não existe antes de ser agida, como o ser humano não existe antes de assumir o dom e tornar-se, com todos os perigos e implicações que o tornar-se comporta. (...) O processo do devir é a existência. Esse processo quando é abstraído da própria existência é objeto do pensamento objetivo, mas para que ele possa realizar o seu objetivo precisa prescindir exatamente do que se propõe: da própria existência e das condições que garantem o vir-a-ser do existente e da existência (Almeida; Valls, 2007, p.52).

A verdade para Kierkegaard se constitui a partir da existência, é através da ação que o indivíduo existente produz a verdade. Em sua obra *O Desespero Humano*, ele afirma que a origem do desespero está na imaginação, onde o homem pode criar uma relação fantasiosa consigo mesmo (Kierkegaard, 1988ano?). O desespero, segundo o autor, vem do afastamento da existência, e constitui a pior das doenças; o único mal para o qual não há cura. A morte, encarada pelo senso comum como o pior dos males, não é, para Kierkegaard, um mal maior que o desespero.

2.1. O CONCEITO DE ANGÚSTIA

A angústia é um medo fora de foco, para compreendemos e apreendermos de forma satisfatória o conceito podemos pensar na imagem de um homem na beira de um precipício, isto é, sempre no limite. O filósofo dinamarquês e o cineasta sueco têm em comum o uso de imagens e simbolismos para explicitar os dramas da condição humana. Entende-se a angústia como uma vertigem que o homem sente quando olha para baixo, experimentando o medo de cair, mas ao mesmo tempo, um grande impulso de se atirar intencionalmente para o precipício.

Em tal estado, existe calma e descanso; porém existe, ao mesmo tempo, outra coisa que, entretanto, não é perturbação nem luta, porque não existe nada contra que lutar. O que existe então? Nada. Que efeito produz, porém, este nada? Este nada dá nascimento à angústia. Aí está o mistério profundo da vida; é, ao mesmo tempo, angústia (Kierkegaard, 1968, p. 45).

O resultado da experiência desta dupla sensação é a ansiedade, ou melhor a possibilidade que temos de decidir, escolher entre saltar e não saltar, que produz a angústia e esta atormenta a humanidade.

Kierkegaard, expressa essa relação nas seguintes palavras:

A angústia pode ser comparada à vertigem. Quando o olhar imerge num abismo, existe uma vertigem, que nos chega tanto do olhar como do abismo, visto que não seria impossível deixar de encarar. Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar, o espírito, estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar (Kierkegaard, 1968, p. 66).

A angústia é essa vertigem de liberdade, uma abertura à possibilidade do indivíduo para escolher, “a realidade da liberdade como puro possível” (Kierkegaard, 1968, p. 45). A liberdade, isto é, a possibilidade que o indivíduo tem de decidir o seu destino, causa-lhe um assustador sentimento de angústia e temor. A angústia é a consequência do pertencimento do homem à história da humanidade, ou seja, de estar vivendo, vivenciando e vendo-se obrigado a escolher e decidir quais os caminhos deve trilhar. O que acontece quando paralisamos diante das escolhas e decisões que precisamos tomar? Dessa paralisia nasce a dúvida e a reflexão sobre a decisão tomada, podendo essa se transformar em culpa.

A consequência do pecado hereditário ou a sua presença no indivíduo é a angústia, que só quantitativamente se diferencia da de Adão. No estado de inocência – e deve ser possível, afinal, falar de tal estado no homem que vem depois – o pecado hereditário deve ter a ambiguidade dialética da qual surge a culpa no salto qualitativo. Em contrapartida, a angústia será mais refletida num indivíduo posterior do que em Adão, porque o aumento quantitativo acumulado pelo gênero humano faz-se valer no indivíduo posterior (Kierkegaard, 2013, p. 57).

É através da angústia que o homem toma conhecimento das possibilidades de escolha, que por sua vez abre caminho para o autoconhecimento e responsabilidade pessoal. Um indivíduo torna-se verdadeiramente consciente do seu potencial através da experiência de ansiedade/angústia, ou seja, do ato de decidir a ação tomada diante dos dilemas reais da existência. Desta forma, a angústia constitui ao mesmo tempo um meio para o pecado e um caminho para o reconhecimento ou realização da identidade e liberdade do indivíduo existente.

3. A VIAGEM EXISTENCIAL DE ISAK

O *road movie* existencial de Bergman nos convida a sermos um passageiro no carro do velho médico Isak, e juntamente com ele embarcar na intrigante e reveladora viagem pela sua mente. O desespero diante da finitude é ampliado pela “idade da personagem pressupõe a proximidade da morte, o medo e o desassossego que ela desperta são quase óbvios” (Cañizal, 2001, p. 166). O cineasta nos proporciona uma

experiência intensa e perturbadora no percorrer da busca de Isak, em se reconciliar consigo mesmo. Revivendo as angústias com as quais se deparou no decorrer da sua existência que se aproxima do fim.

Mussi fala sobre o trajeto não linear da viagem pela mente Isak:

Neste trilhar rumo ao passado, o tempo torna-se aliado, uma possibilidade de criar um presente e futuro diferentes, mesmo que breves. Isak sabe que o tempo não lhe trará respostas, nem soluções às questões vazias, perdidas nos seus devaneios e sonhos (Mussi, 2012, p. 64).

O que motiva a revisão de vida do Isak? O medo diante da inevitável finitude, ou o temor de não ter feito as escolhas corretas ao longo da vida? Ou seria ainda a procura por algum sentido na existência?

3.1. O DESESPERO DE ISAK BORG

Kierkegaard, na obra *O Desespero Humano*, apresenta a seguinte contradição: desespero é “a doença e não o remédio”; “morrer para o mundo é o remédio” (Kierkegaard, 1988, p. 190). Em outras palavras, para o autor dinamarquês o desespero é uma condição inerente aos homens, sendo a morte o único remédio para essa enfermidade.

A origem do desespero segundo Kierkegaard:

Da relação que a síntese (a reunião) estabelece consigo própria, pois Deus, fazendo com que o homem fosse esta relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação depende de si própria (...) nela (então) jaz a responsabilidade da qual depende todo o desespero, (...) e dela depende os discursos e o engenho dos desesperados em enganarem-se e enganar os outros, considerando-o como uma infelicidade (Kierkegaard, 1988, p. 198).

Podemos notar o desespero de Isak em várias passagens do filme, logo no início do filme a narração conta: “sonhei que durante a minha caminhada matinal, eu me perdi numa parte desconhecida da cidade (...) com ruas desertas e casas em ruínas”⁴. Isak, andando pelas ruas da cidade em ruínas depara-se com um relógio sem ponteiros na entrada de uma loja, assustado diante dessa imagem ele olha para seu relógio de pulso que também não possui ponteiros.

Kierkegaard diz:

Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, (sendo de) costume dizer-se, enquanto há vida há esperança. Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e força (Kierkegaard, 1988, p. 191).

⁴ Morangos Silvestre 00:02:06.

O medo diante a finitude é que desencadeia a reflexão de Isak sobre a sua existência, é o que o leva a reviver as angústias de sua vida e enfrentar a culpa. Nessa viagem, em busca de se reconciliar consigo mesmo, enfrentado os temores do passado e do presente.

3.2. A ANGÚSTIA DE ISAK BORG

As primeiras imagens do segundo sonho de Isak são de uma revoada de corvos e dos morangos silvestres, que a Sara⁵ derrubou no canteiro. Logo em seguida aparece o velho Isak em frente da jovem Sara que a indaga - já se olhou no espelho? E levanta um espelho em sua direção. É um velho assustado que logo morrerá⁶.

(...) paga os favores do tempo, cada instante da sua vida pelo preço mais elevado – porque a mínima coisa é sempre realizada em função do absurdo [...] porque este homem efetuou e completou, a todo momento, o movimento do infinito. Converte em resignação infinita a profunda melancolia da vida: conhece a felicidade do infinito; a experiência da dor da total renúncia àquilo que mais ama no mundo (Kierkegaard, 1979, p. 274).

Ainda no mesmo sonho, Alman⁷ abre uma porta e Isak entra numa sala de aula. Alman senta-se à mesa do professor, atrás dele há uma lousa com uma inscrição não identificável. Isak lê em voz alta, mas não consegue identificar o significado dos dizeres; e fala: “sou médico, não filólogo”. Na sequência da cena, Alman diz que Isak foi acusado de culpa, uma acusação bem séria. “Foi acusado de pequenos delitos, porém graves. Indiferença, egoísmo, falta de consideração. Sua esposa fará as acusações. Terá que confrontá-la⁸”. Paramos por aqui a descrição do sonho, para os propósitos deste trabalho já temos o necessário. Segundo Kierkegaard: “(...) a angústia é a coisa mais profundamente pessoal e nenhuma manifestação real da liberdade mostra-se tão zelosa do Eu como a possibilidade de concreção [...] contudo, enfeitiça-nos com a sua suave inquietude!” (Kierkegaard, 1968, p. 66). Isak por meio de seus sonhos revive a angústia das suas escolhas e culpa por suas decisões. A culpa se relaciona com a nossa responsabilidade com as ações escolhidas. Angústia revisitada pelo protagonista pelas suas escolhas, é fruto da sua condição de ser existente e livre, por essa razão o torna o único responsável pelos seus atos. Não pode culpar Deus, e nem o espírito absoluto, e nem alguma razão desconhecida. A angústia da personagem se dá porque “o homem constituído pela angústia é constituído pela possibilidade e apenas aquele a que a possibilidade forma está formado em infinitude” (Kierkegaard, 1968, p. 158).

⁵ A Sara (interpretada pela atriz Bibi Andersson) dos sonhos de Isak é sua prima e primeiro amor, que se casou com o seu irmão. A jovem que o velho médico dá carona no filme também se chama Sara é interpretada pela mesma atriz. A viagem física é uma extensão da mente do Isak.

⁶ *Morangos Silvestres* 00:54:18.

⁷ Alman (Gunnar Sjöberg), até então apenas um inconveniente caroneiro que culpa a esposa Berit (Gunnel Broström) por tudo e a humilha ao ponto dela chorar e, depois, agredi-la.

⁸ *Morangos Silvestres* 01:04:45.

Le Blanc, descreve bem o drama de Isak e do ser humano:

Se o homem não tivesse consciência da possibilidade, se não tivesse espírito e inteligência, ele não conheceria a angústia, de onde se conclui que a angústia está ligada à espiritualidade do homem. Em consequência disso, é então impossível libertar-se da angústia quanto de si mesmo (Le Blanc, 2003, p. 83).

Isak encontra o conforto por meio de um passado, que se torna presente e principalmente por meio da beleza nostálgica da infância.

Kierkegaard, sobre a relação da infância e da Angústia:

observai a infância: achareis aí esta angústia mais exatamente desenhada como uma procura de aventura, do monstruoso, do mistério (...). A angústia é de tal modo fundamental na criança que ela não deseja dispensá-la; até quando inquietada pela angústia a criança mostra-se encantada com sua suave inquietação (Kierkegaard, 1968, p. 46).

É na última cena em que Isak Borg confessa onde se encontra a beleza. Reconcilia-se consigo mesmo, com o seu passado e com o seu presente. Isak Borg expressa o anseio de se livrar do temor da ausência de sentido na existência humana, o sentido está na própria existência. A experiência da existência com todos os seus horrores, temores e beleza é reconstruída a cada sonho, levando Isak a conciliar-se consigo mesmo, por meio de cada lembrança angustiante que é revista e revivida, por suas reminiscências da infância.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *road movie* existencial criado por Bergman permite inúmeras leituras filosóficas, teológicas e psicanalíticas. Neste artigo optei por analisar alguns símbolos que emergem dos sonhos de Isak através do olhar da lente da filosofia de Kierkegaard. O filme do cineasta sueco apresenta outros símbolos e imagens e até mesmo referências de cunho teológico, como por exemplo, o próprio nome do protagonista Isak, nos remete ao filho de Abraão. Os sonhos da personagem principal permitem uma abordagem freudiana. A relação entre temporalidade e finitude estaria a feição de um olhar a partir do filósofo alemão Heidegger.

A escolha por Kierkegaard mostra-se a mais adequada pela afinidade temática de ambos nas suas obras como por exemplo: a existência ou não de Deus, a morte, a culpa, o desespero, a escolha, a angústia. A experiência cinematográfica é algo subjetivo e único, consequentemente aberta às mais variadas interpretações. As imagens e símbolos do filme *Morangos Silvestres* que me provocaram e instigaram a realizar essa leitura filosófica foram aquelas que remetem ao conceito de angústia de Kierkegaard.

A inquietante jornada de Isak nos permitem as seguintes questões:

Qual é, portanto, a relação do homem com esta potência ambígua? Qual a relação do espírito com ele mesmo e com a sua condição? A relação é a angústia. O espírito não pode

estar contente com ele mesmo, nem apreender-se, enquanto o seu eu se conservar exterior a si mesmo (Kierkegaard, 1968, p. 47).

O filme apresenta a relação da personagem principal com a objetividade buscando na sua interioridade e subjetividade se reconstruir. Durante os 91 minutos o diretor nos surpreende apresentando as contradições da condição humana. O que é homem? Kierkegaard diz: “o homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação de dois termos” (Kierkegaard, 1979, p. 337). É esse mesmo homem que Bergman nos apresenta nessa obra magnífica e perturbadora.

O filme apresenta uma dupla narrativa, a primeira da viagem física de carro e os diálogos e conflitos entre os passageiros dessa jornada. A segunda narrativa ocorre na mente, no espírito do protagonista. Em alguns momentos as duas narrativas se entrelaçam numa relação dialética. Podemos dizer que no final com a reconciliação de Isak consigo mesmo, temos a síntese, a superação do conflito na alma do protagonista e conquista da serenidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Álvaro L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007 (Coleção passo-a-passo, 78).
- CANIZAL, E. P. **O outro lado do sonho em Morangos Silvestres**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982- 2553, n. 1. Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: 2001.
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus Liv. Ed., 1968.
- _____. **O desespero humano**. Tradução de Lúcia Helena de Lima. São Paulo: Cultrix, 1979.
- _____. **O desespero humano (Doença até a morte)**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1988, pp. 187-279 (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Post-scriptum conclusivo não científico às migalhas filosóficas**. Milano: Sansoni Editore, 1993.
- _____. **O conceito de angústia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- MUSSI, L. H. **Reflexão sobre a angústia existencial do cinema de Ingmar Bergman no envelhecer diante da ameaça iminente de morte e do desejo de vida**. Dissertação de mestrado em Gerontologia. PUC-SP. São Paulo, 2012.